

Doze proposições sobre livros, leitura e hospitalidade

Twelve propositions about books, reading and hospitality

João Maria André¹

1. *Os livros são conversas que mantemos com os outros.* Conversas livres, despreconceituosas e abertas. Nessas conversas os outros entregam-nos o melhor dos seus pensamentos, da sua memória ou da sua imaginação e nós acolhemos as palavras que guardamos num canto da nossa interioridade. Por vezes revisitamos essas conversas, lendo e relendo os livros ou recordando o que neles encontramos. Espantamo-nos então com o que dizem e em que não tínhamos reparado, redescobrimo-los no seu potencial libertador de novidades. Mas outras vezes entramos nessas conversas com redobrada atenção crítica: dialogamos, contestamos, perguntamos e respondemos. Mas sempre no respeito pela palavra do outro e dos outros. A leitura não é intolerante, mas uma forma de exercer a hospitalidade.

¹ Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes – jmandre@sapo.pt

2. *Os livros são barcos em que navegamos ora por águas calmas e tranquilas, ora por mares tumultuosos.* Por vezes demoramo-nos neles em alto mar: só nós e o seu azul esverdeado, as algas e os corais, os vestígios de outras passagens, de outros barcos, de outra gente. Outras vezes atracamos em portos aonde os livros nos transportam: visitamos praias e cidades desconhecidas, conversamos com as suas gentes, percorremos as suas ruas, lemos a sua história, convivemos com o seu povo, aprendemos mundo e mundos. Ler um livro é viajar pelo espaço e pelo tempo: um livro pode levar-nos ao passado, ensinar-nos aquilo de que somos feitos, mostrar-nos caminhos que não foram seguidos, iluminar a memória como quem acende um archote no subterrâneo do tempo; mas um livro pode também abrir-nos para o futuro, para os muitos futuros que podemos escolher, para o possível que não foi mas se espraia nas suas páginas, para a terra do ainda não que povoa a sua e a nossa fantasia. Ler um livro sobre o passado é hospedá-lo dentro de nós. Ler um livro sobre o futuro é acolhê-lo na sua madrugada, aceitar os seus possíveis, tornar habitáveis as suas veredas.

3. *Os livros são casas que habitamos, em que moramos e nos demoramos quando os lemos.* Casas de palavras à solta, dançando nas suas páginas, arrumando-se e desarrumando-se nas suas danças, correndo para o fim ou regressando ao princípio num movimento de vai-e-vem entre os seus capítulos. Nas casas que são os livros cada página é uma porta ou uma janela aberta para o mundo: por ela entramos noutras casas que podem ser também casas de palavras mas que também são casas de pessoas. Descobrimos então gente com as suas dores e as suas alegrias, as suas esperanças e os seus desesperos, os seus sonhos e os seus pesadelos. E podemos sair por uma página para entrar numa nova casa, como podemos sair dessa casa entretanto visitada para voltarmos a entrar no livro através de outra página. Por essas janelas que são as páginas vemos os pássaros,

as árvores, as pessoas, os rios, a natureza. Podemos parar no sopé de um monte ou correr até ao cume para contemplar vales e planícies, porque as janelas dos livros não têm grades: não nos fixam nem nos prendem porque sabem que depois de uma página-janela há outra página-janela e que de cada página-janela podemos saltar para as páginas-janelas de outros livros porque todos os livros estão dentro de todos os outros livros numa circulação infinita. Livros com páginas-janelas abertas sobre o mundo são espaços de hospitalidade, porque o seu volume tem o tamanho do universo.

4. *Os livros também se escutam.* É certo que é pelos olhos que entramos nos livros. É com a vista que juntamos letras em sílabas, sílabas em palavras e palavras em frases. O mundo dos livros parece, numa primeira aproximação, ser um mundo da vista e da visão. Mas os livros não se entendem se, para além de vermos o seu conteúdo, não soubermos escutar o que eles nos dizem e os livros escutam-se, porque falam. Falam-nos, por vezes, de uma maneira doce e terna, outras vezes de uma maneira brusca e violenta. E se há alturas em que parecem monocórdicos, noutras alturas saem deles sons que são sinfonias e constituem música para o nosso paladar. É porque os livros se escutam, no mais íntimo de nós mesmos, que podemos lê-los numa leitura interior: ao fazê-lo, abrimos um espaço dentro de nós por onde corre a sua sonoridade e é ao ouvi-la que os entendemos. E é também porque eles se escutam com os ouvidos externos que se podem fazer leituras em público: são momentos em que o ritmo das palavras nos atravessa e inebria, nos invade e nos sacode e percebemos que a fisicalidade dos livros se transporta para a fisicalidade das palavras e das frases que dançam no espaço em figuras invisíveis. Escutar um livro é deixar-se habitar por ele, pelos seus sons e pelo seu silêncio, é dar-lhe tempo para que ecoe dentro de nós, é deixar que se enrolem nas suas ondas as ondas das nossas respostas num encontro de sentidos com que se fazem as autênticas descobertas. Numa cultura como a nossa em que

é a visão que tem o primado, é mais do que nunca necessário fazer uma pedagogia da escuta dos livros, perguntando não o que vemos nos livros (a visão é só uma prerrogativa do sujeito que vê), mas o que é que eles nos dizem e o que deles escutamos (a escuta dá sempre o primado ao outro que vem ao nosso encontro). E essa pedagogia da escuta dos livros é uma pedagogia da hospitalidade: escutando, hospedamos aqueles que se nos dirigem, acolhemo-los na sua interpelação, damos-lhes o nosso espaço como sua habitação e morada.

5. Os livros são feitos de palavras e silêncio. Temos uma tendência imediata para, dos livros, atendermos apenas às palavras e esgotarmos nas palavras tudo o que os livros são. Mas os livros são também feitos de silêncio. É, aliás, para modular o silêncio que serve a pontuação. Com os pontos e as vírgulas introduzimos pausas entre palavras e frases, com reticências suspendemos a sequência de palavras e abrimos um espaço que não é preenchido por sons, com o ponto de interrogação abrimos o espaço da pergunta e com o ponto de exclamação introduzimos a surpresa, a constatação, a afirmação na sua plenitude. Sem silêncio, não haveria palavras, mas apenas ruído, porque é no silêncio que se recortam as palavras e as frases, sendo ele o espaço em que elas se movimentam. Além disso, é do silêncio que as palavras nascem e é ao silêncio que as palavras retornam. Porque o silêncio é a nascente donde brota o sentido: como uma fonte de água cristalina de onde fluem sons e vão correndo letras; e é ao mesmo tempo a foz do sentido que desagua no mar da nossa consciência. O silêncio de que são feitos os livros é um silêncio vivo e não um silêncio morto: potencial para o acontecimento da palavra, sem ele a compreensão seria impossível. Por isso, a pedagogia da escuta na leitura do livro referida noutra proposição exige também uma pedagogia do silêncio na sua concretização: só no silêncio se podem escutar os livros e a sua música porque também só no silêncio se podem escrever os livros na sua melodia. Sendo o silêncio dos livros e das palavras um silêncio

vivo, ele nunca pode ser imposto, mas é um silêncio querido, nunca pode ser um silêncio feito mordação, mas é um silêncio feito espanto e libertação, nunca pode ser o silêncio da intolerância, mas é o silêncio do respeito, do acolhimento e da hospitalidade.

6. *Os livros nunca estão fechados.* O gesto de abrir um livro é sempre um gesto que inaugura um encontro que se projeta no tempo. Pode, por vezes, interromper-se pontualmente esse encontro. Pode adiar-se por horas, por dias, ou por anos. Mas nunca se pode dar por concluído. É por isso que os livros nunca estão fechados. Mesmo quando se interrompem, eles continuam abertos: as suas palavras continuam em nós, às vezes suspensas, às vezes aparentemente adormecidas, mas sempre atuantes no seu dinamismo apelativo, questionador, recorrente, incomodativo, reconfortante ou resiliente ao esquecimento e ao abandono. Um livro nunca se fecha, porque, mesmo fechado, as suas palavras continuam transgressivamente a saltar para fora dele e a invadir-nos a mente e a consciência. Como não se pode fechar um livro no interior duma casa, dum armário, duma gaveta. Um livro assim fechado seria um livro acorrentado e os livros são feitos para derramarem palavras entre as pessoas e no interior dos seres humanos. Um livro só se realiza nos olhos e nos ouvidos de quem o lê, de quem o escuta, de quem o sente. É por isso que os livros fechados não são livros: são coisas, objetos, instrumentos, mas não parceiros de existência dos seus leitores. Os livros são por definição palavras que se folheiam por dentro dos homens, das mulheres e das crianças que jogam à cebra-cega no seu interior e nele descobrem alimentos e tesouros com que se tecem as vidas no tempo. Um livro fechado é uma censura e uma contradição, uma clausura mais do si do que do próprio livro, cujos ecos se ouvem e persistem no segredo das suas páginas. Um livro fechado é a afirmação da intolerância, a intolerância da ignorância que se esquece de que o saber só na abertura se realiza.

7. *Para além de casas de palavras, os livros são também casas de afetos.* Ninguém fica indiferente à leitura de um livro, porque um livro é feito de palavras que nos movem e comovem. É, aliás, essa a sua força: a capacidade de mexer com os seus leitores. Quando lemos um livro, espantamo-nos, rimos, choramos, desesperamos algumas vezes e outras vezes deixamos que a esperança se acenda no nosso olhar. E não falamos apenas de romances, de histórias, da narração de grandes atos ou de pequenos gestos. Falamos também de ensaios, de tratados, de estudos e dos jogos das ideias, dos pensamentos e da especulação. Apaixonamo-nos pelos livros, sejam eles um conto, poesias ou teses filosóficas. Às vezes também detestamos o que nos transmitem. Mas não permanecemos indiferentes à virtude das suas palavras. Sentimos nelas ternura e carinho, arrepiamo-nos também com a sua rispidez, saboreamos a sua doçura, toca-nos o seu calor, desperta-nos a sua ironia ou a sua acidez. É por isso que somos capazes de oferecer livros: no gesto da oferta somos nós que nos damos com o afeto que nos enche e que passamos para os livros que entregamos aos outros. Os livros só existem verdadeiramente para quem é capaz de amar e de os amar, sendo o cuidado a maior expressão desta relação afetiva que temos com os livros: cuidamos deles como quem cuida de um amigo, de um animal ou de uma planta, regamo-los com os nossos sentimentos ou as nossas emoções, acariciamo-los com os nossos dedos e o nosso olhar e sussurramos-lhes segredos que a mais ninguém confiamos. A intolerância não cabe na casa dos afetos que são os livros porque é o contrário da confiança e só com confiança se tece a nossa relação com as suas páginas e as suas palavras.

8. *Pode acordar-se com os livros como pode adormecer-se dentro das suas páginas.* Ser acordado por um livro é ser sacudido pelas suas palavras e pelas suas ideias. Quando nos fechamos dentro de nós próprios e dentro dos nossos pensamentos, quando entramos num processo de ensimesmamento, só temos olhos e ouvidos para

as nossas ideias e convicções, para as nossas palavras e para o nosso discurso. O pensamento transforma-se assim num monólogo de que dificilmente pode brotar qualquer novidade. Ler um livro é ser acordado por aquilo que diz o seu autor, por aquilo que é diferente da monotonia em que nos enredamos, pelo que marca a distância em relação a nós próprios. Não é, por isso, de estranhar que alguns autores tenham confessado terem despertado do seu sono ao lerem os livros dos outros. É aí que está o alimento para a diferença, o desafio para a ultrapassagem de nós próprios. É por isso que podemos acordar com os livros que lemos. Mas também podemos adormecer dentro das suas páginas. Porque há livros que têm o dom do nos trazer paz e serenidade e de fazerem brotar em nós a imaginação: nesses momentos podemos dormir no leito das suas páginas, pois elas transformam-se em janelas para os nossos sonhos, para os sonhos em que somos capazes de harmoniosamente misturar o que é nosso e o que outros nos dão, repousando no curso da viagem que as leituras nos proporcionam. Mas só acorda com os livros ou só adormece dentro das suas páginas quem faz da hospitalidade a virtude máxima da leitura dos livros com que nos recreamos.

9. *Os livros são corpos e organismos vivos.* Seria um erro pensar que os livros, por parecerem objetos, são coisas feitas e acabadas, mortas, que se conservam numa biblioteca como as plantas se conservam nos herbários ou os animais mumificados em vitrinas. Um livro nunca está terminado, mesmo depois de o seu autor lhe ter escrito o ponto final e ter sido impresso numa tipografia, porque o seu destino é o leitor, ou melhor, os leitores na sua pluralidade, multiplicação e renovação. Neste sentido, os livros são e continuarão sempre a ser corpos vivos, que respiram através das suas páginas e cujo coração bate continuamente ao compasso da sua leitura. Por dentro deles desenham-se circulações de sentido, sempre novas, que o olhar atravessa, refaz, desfaz e torna a fazer, estruturam-se redes de

conceitos de que cada leitor se apropria à sua maneira, iluminam-se imagens, gravuras e metáforas que por sua vez derramam a sua luz na penumbra da nossa ignorância. Os livros respiram e transpiram e, por isso, tocar-lhes é sentir o sopro da sua vida, o seu alento vital, é pressentir o seu suor, é saber as suas vitórias e as suas derrotas na construção de mundos de ideias e de ideias de mundos. Além disso, sendo objetos vivos, os livros dão vida a quem neles entra e por dentro deles viaja: uma criança que lê o livro do Pinóquio ou um conto de Sofia de Mello Breyner Andresen sente mais vida para além da vida que já tem e alguém que lê Eugénio de Andrade ou Herberto Helder descobre de repente que há muito mais vida para além da vida quotidiana, porque a vida dos livros se prolonga na vida dos seus leitores e se reinventa por detrás dos seus pequenos pormenores. É por isso que os livros não podem ser objeto de intolerância: seria negar a vida por dentro da própria vida, assassinar a respiração do que, latente por dentro de um volume de papéis, doa à humanidade a sua capacidade para vivificar o mundo.

10. *Os livros são muitas vezes labirintos com múltiplos caminhos em diferentes direções.* Um livro não é uma planície aberta, em que tudo é imediatamente visível e transparente. Como têm a sua fonte na memória ou na imaginação, são também eles permeáveis à dimensão labiríntica que caracteriza estas nossas duas faculdades. É por isso que, quando se segue um caminho, se desemboca num cruzamento em que é possível seguir dois ou três caminhos, sem ter a certeza sobre em qual deles entrar. Outras vezes, abrem-se alçapões que dão para um entrelaçar de caminhos subterrâneos em que ainda se torna mais difícil a caminhada. Mas também é verdade que os próprios livros oferecem, aqui e ali, pontos de referência e bússolas de orientação. Toda a questão está em sermos capazes de os detetar e de os utilizar. O que exige uma redobrada atenção na leitura. Isso não significa, no entanto, que, por vezes, não tenhamos que seguir deter-

minados caminhos para depois voltarmos atrás e recuperar sendas perdidas. A multiplicação de caminhos de leitura é sempre uma multiplicação de perspetivas: quanto mais perspetivas conhecermos mais nos podemos aproximar da saída, ou seja, mais facilmente podemos caminhar para a verdade de um livro, que é sempre estereoscópica e não monolítica, dialógica e não monológica. Isso exige a capacidade de cruzarmos os diversos caminhos e de sermos capazes de os pôr em diálogo uns com os outros. Ou de, em outros casos, irmos buscar bússolas a outros livros já lidos para pôr ordem nos caminhos que estamos a ler. Os livros formam um universo, uma esfera infinita, como na Biblioteca de Jorge Luís Borges, em que o centro cabal é qualquer hexágono e cuja circunferência é inacessível. Em tal biblioteca, como na esfera infinita dos místicos, só há lugar para a hospitalidade: a hospitalidade como abertura ao infinito, no labirinto da sua alteridade misteriosa e da sua visível invisibilidade.

11. *Os livros são espaços de liberdade.* Quando se entra num livro nada está pré-determinado. O sujeito que lê é inteiramente livre em todas as suas iniciativas. Em primeiro lugar, a liberdade presentifica-se no próprio ato de leitura: ninguém pode ser obrigado a ler, como ninguém pode ser privado da possibilidade de ler. Esta primeira liberdade é a liberdade do encontro com o outro. Em segundo lugar há que afirmar a liberdade da hora e do local da leitura. Lê-se quando se quer e onde se quer, pois não há horas ou locais próprios e horas ou locais impróprios para a leitura: pode ler-se ao acordar, quando a mente está mais aberta e desperta para o mundo, como pode ler-se antes de adormecer, quando o dia já passou com todas as suas preocupações, pode ler-se na paragem do autocarro ou dentro do comboio, lê-se, naturalmente, numa sala de leitura, mas também se pode ler numa sala de espera, lê-se ao fim da tarde num banco de jardim, em comunhão com a natureza, como se pode ler na praia à luz do sol poente. Em terceiro lugar há que retirar o carácter normativo à ordem

da leitura. É certo que os livros têm capítulos e os capítulos são muitas vezes numerados. Mas nada nos impede de os subverter. Um livro pode começar a ler-se pelo princípio, mas também pode iniciar-se a sua leitura pelo meio ou pelo fim. Podemos saltar páginas e capítulos, ir do princípio diretamente para o fim, ou regredir para ler capítulos que ficaram para trás. Há muitos livros em que a ordem dos fatores é arbitrária, podendo cada um construir a sua ordem na desordem que também fabrica. Em quarto e último lugar, um livro é sempre uma plataforma para a imaginação: dele arrancamos para novos voos e os novos voos que ensaiamos ninguém os poderá controlar, limitar ou configurar: são o espaço pleno da nossa liberdade. A partir dos livros fazemos e desfazemos mundos, fazemos e desfazemos vidas, fazemos e desfazemos dramas, alegrias e tristezas. Por isso, como espaço de liberdade, o livro tudo acolhe: todo o livro é a encarnação da ideia de hospitalidade.

12. *As bibliotecas, como casas dos livros, são espaços sagrados.* Sagrado não é necessariamente sinónimo de religioso. Significa antes, no seu sentido mais abrangente, tudo o que nos abre para o mistério e que, por isso, se caracteriza por uma atmosfera diferente da que envolve os nossos atos quotidianos. Reclama uma atitude de respeito, mas não necessariamente de distância: o respeito é compatível com uma imersão profunda no outro que respeitamos e que nos surge como sagrado. As bibliotecas são espaços sagrados porque os livros são vias de comunicação com o sagrado: com o mistério de nós mesmos e dos outros, com o mistério do mundo, com o mistério do tempo, com o mistério da verdade. Embebidos do mistério das bibliotecas sabemos que os livros que as habitam e que nelas moram nos transportam para um espaço e para um tempo únicos: o espaço e o tempo de encontros singulares com a vida e com a história, mas ao mesmo tempo um espaço e um tempo tão intensos que neles nos perdemos quando neles entramos e os percorremos: o tempo deixa de

ser o tempo dos ponteiros do relógio, para ser um tempo sem tempo, ou seja, um tempo que é o tempo em que o instante se confunde com a eternidade. Quantas vezes não nos esquecemos do tempo ao ler um livro e ao mergulhar nas suas páginas? Mas, sendo as bibliotecas um espaço sagrado, elas têm uma contrapartida: não podem ser profanadas nem os seus habitantes desconsiderados. Os livros não se rasgam, não se queimam, não se sujam, não se maltratam. São archotes que iluminam os nossos passos e é na sua luminosidade que encontramos a salvação. Sem fanatismos nem fundamentalismos. Sempre atentos às múltiplas perspetivas com que nos abrem a verdade. E é por isso que o sagrado das bibliotecas nunca pode conviver com o aparente sagrado das intolerâncias: só na hospedagem plural da sua alteridade que sabemos ultrapassar-nos se consuma a sabedoria dos livros e a sabedoria que repousa nas bibliotecas que são as suas casas.

(Página deixada propositadamente em branco)